



ALFABETIZAÇÃO E LEITURA: qual o olhar das revistas pedagógicas acadêmicas?

Rosa Maria Hessel Silveira

RESUMO – *Alfabetização e leitura: qual o olhar das revistas pedagógicas acadêmicas?* O estudo tem como objetivo analisar os artigos publicados sobre leitura e alfabetização de 1998 a 2002 em revistas consideradas de excelência na área de educação, buscando identificar questões de autoria, temáticas mais frequentes e tendências teóricas. Entre outros dados, a análise evidenciou a maior frequência de temas como: livros de leitura, história da leitura e da educação, a professora como leitora, letramento ou alfabetismo e políticas públicas, trabalho com crianças, a leitura e as novas tecnologias. O estudo mostra também a emergência do conceito de letramento (literacy) como importante conceito explicativo do período estudado.

Palavras-chave: revistas acadêmicas, letramento, alfabetização, leitura.

ABSTRACT – *Literacy and reading: what is the academic pedagogical journals gaze?*

This study aims at analyzing articles on reading and literacy published in magazines considered excellent in the field of education from 1998 to 2002, seeking to identify issues of authorship, most frequent topics and theoretical tendencies. Among other data, the analysis has shown the most frequent topics to be: reading books, history of reading and education, the female teacher as reader, literacy and public policies, experiences with children, reading and new technologies. This study also shows the emergence of concept literacy as explaining the studied period.

Keywords: academic journals, literacy, reading.

Intentos iniciais

Muitas¹ são as formas possíveis para pensarmos questões relativas à leitura, à alfabetização e ao letramento, e vários são os caminhos que podem contribuir para a revitalização dos seus estudos e das práticas a eles relacionadas. No caso específico deste artigo, traço como seu objetivo primordial trazer o olhar da área acadêmica da educação do Brasil sobre essas questões, através de um dos seus veículos mais prestigiados, tanto por instâncias oficiais (como CAPES, CNPq) quanto pela própria comunidade de estudo e pesquisa, ou seja: as revistas tidas como as de maior qualidade na área, pertencentes ao chamado *Qualis* 2003 na área de Educação. Parto, assim, do pressuposto de que – ao selecionar, através de seus conselhos editoriais, e publicar artigos com determinadas características e temáticas – tais revistas imprimem um selo de relevância aos mesmos e, concomitantemente, refletem as preocupações temáticas, as tendências teóricas dominantes e os focos privilegiados em um determinado tempo e espaço acadêmico. Ou seja: tais artigos são simultaneamente produtores de “verdades” e reflexo da circulação das mesmas nos círculos ditos acadêmicos. Outro seria o trabalho se nos detivéssemos em revistas dirigidas para o professor “em serviço”, as chamadas revistas de divulgação, tais como *Nova Escola*, *Presença Pedagógica*, *Educação*, *Pátio*² para citar algumas das mais conhecidas, em que, possivelmente, o direcionamento pragmático seja mais forte. Essas últimas recebem o sinete de “divulgação”, enquanto as primeiras constituiriam o lugar da “produção” do conhecimento acadêmico. Observo, ainda, que esta é uma leitura particular, encetada do meu lugar específico, ocupado por uma professora que tem se dedicado a questões do ensino de língua materna por mais de duas décadas e cujo olhar, mais recentemente, tem sido matizado pelo campo dos Estudos Culturais em Educação. Neste sentido, uma ênfase especial é dada à questão da cultura – em seu significado abrangente, que inclui dimensões discursivas das produções culturais. Na referência à especificidade do olhar, alinho-me ao pensamento de Ferreira (2002, p. 269), que, ao refletir sobre a possibilidade de historiar a produção acadêmica apenas através da análise de resumos de dissertações e teses, afirma: “Entre os textos há lacunas, ambigüidades, singularidades, que são preenchidas pela leitura que o pesquisador faz deles. Então, a história da produção acadêmica é aquela proposta pelo pesquisador que lê. Haverá tantas Histórias quanto leitores houver disposto a lê-los”.

Mesmo não trabalhando apenas com resumos, uma vez que tive acesso às revistas integralmente, julgo que as leituras são sempre preenchidas pelo que nelas projetamos, em termos de conhecimentos, valores e posições. Malgrado tal inevitável posicionamento, pretendo, com os dados que aqui trago, contribuir para a elaboração de um panorama do que está sendo estudado e considerado atual e relevante na academia, sobre as temáticas da leitura e alfabetização³. Não se trata, evidentemente, de um estado da arte, nem tampouco um estudo

exaustivo de todos os artigos destacados para integrar o exame – seu intuito é, principalmente, panorâmico e indicador de tendências. Nesse contexto, duas são as perguntas centrais que dirigiram minha análise: a) quem tem publicado nessas prestigiosas revistas acerca de alfabetização e leitura, a que grupos pertencem e com que reiteração determinados autores e grupos têm a elas comparecido? b) que temáticas, concepções e interesses teóricos as revistas acadêmicas da área de educação trouxeram, no quinquênio abrangido pelos anos de 1998 e 2002, em relação à alfabetização e à leitura?

Trajetos de pesquisa

Inicialmente, defini um critério em relação à escolha de revistas o qual atendesse ao objetivo de mapear os artigos de maior penetração e importância acadêmica. Assim, a partir da categorização – realizada por comissão pertencente à ANPED (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*) – das revistas da área de Educação em internacionais, nacionais e locais, e da subdivisão de tais categorias em A, B e C, optei por esquadrinhar os títulos publicados no Brasil que fossem considerados específicos da área de Educação e tivessem sido considerados, na avaliação realizada em 2002, como Internacionais e Nacionais A⁴. Faziam parte desse conjunto 14 títulos e, a partir da identificação dos mesmos, procurei localizar as edições que iam de 1998 a 2002, o que totalizava – idealmente, dada a periodicidade de cada uma delas – 170 edições. Apesar da busca em todas as bibliotecas universitárias da região metropolitana de Porto Alegre, na rede Scielo e, eventualmente, em sites das próprias revistas, não foi possível localizar, dessas 170, 8 edições, cerca de 5% delas. Através dos sumários das edições encontradas, identifiquei artigos que entendi que focalizavam questões de leitura e alfabetização e, a partir desse exame, procedi ao estabelecimento do conjunto definitivo de textos a serem categorizados. Nesse sentido, catalogamos e analisamos 56 artigos⁵, pertencentes a 11 revistas consideradas pela ANPED, na avaliação de 2002, como dos níveis internacional A, internacional B e nacional A⁶.

Devo registrar que, em algumas revistas, não foi identificado no período focalizado (de 1998 a 2002) nenhum artigo que se encaixasse dentro dos critérios temáticos de interesse: alfabetização, alfabetismo ou leitura (como atividade de um leitor, de alguma forma ligada à escolarização). Este foi o caso das revistas *Em Aberto*, *Educação e Filosofia* e *Educação & Realidade*, possivelmente em função de sua linha editorial (no caso da 2^a.) e, por mera eventualidade, no caso da 1^a. e 3^a. revistas, que, em outros momentos, já abriram suas páginas para as temáticas que aqui nos interessam. Alguns poucos artigos que apenas tangenciavam a temática da leitura, abordando, por exemplo, a organização interna de um determinado objeto textual (romances do séc. XIX, p. ex.), sem

alusões à atividade de leitura e sem espaço para a abordagem sobre o leitor também foram excluídos. O *corpus* de pesquisa ficou constituído, pois, pelas seguintes revistas, com respectivo número de artigos:

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS
CADERNOS CEDES (QUADRIMESTRAL)	4
CADERNOS DE PESQUISA (QUADRIMESTRAL)	3
CONTEMPORANEIDADE E EDUCAÇÃO (SEMESTRAL)	4
EDUCAÇÃO E PESQUISA (SEMESTRAL)	3
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (TRIMESTRAL)	9
EDUCAÇÃO EM REVISTA (SEMESTRAL)	10
ENSAIO (TRIMESTRAL)	2
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (SEMESTRAL)	8
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO (SEMESTRAL)	2
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (TRIMESTRAL)	8
REV. BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS (QUADRIMESTRAL)	3
TOTAL	56

Tendências globais – autores, instituições e dados gerais

O fichamento dos artigos escolhidos nos permitiu responder à primeira questão anteriormente colocada. Pudemos observar, assim, que há uma saudável variedade de autores e pesquisadores publicando sobre leitura e alfabetização em tais revistas, totalizando nada menos do que 66 nomes distintos. Outra tendência da área de educação (quicá das ciências humanas em geral) também foi possível registrar: a maioria dos artigos – 40 dos 56 – tem apenas um(a) autor(a), sendo que nove têm dois autores, cinco artigos têm três autores e, com quatro e cinco autores, respectivamente, há apenas um artigo. Pode-se interpretar tal dado tanto como indício de um trabalho mais individualizado quanto como fazendo parte da cultura da área das ciências humanas, em contraponto a outros campos acadêmicos em que, com mais frequência, trabalhos são produzidos e assinados por equipe mais numerosa. Por outro lado, também me detive em examinar autores que tivessem mais de um artigo publicado; foi esse o caso de duas autoras que assinavam quatro artigos cada, três autores que assinavam três artigos cada um e quatro autoras que tinham sua autoria registrada em dois artigos. É importante registrar que isso não significava que os/as autores/as mais prolíficos tivessem espaço reservado em uma determinada revista: todos os autores com mais de um artigo publicaram ao menos em duas revistas diferentes e, por vezes, até em três. Também não são autores que sistematicamente publiquem em equipe – entre os autores que tiveram mais de um artigo publicado, apenas um o fez em dupla ou grupo maior.

Já se nos detemos na origem institucional de todos os autores, pode-se facilmente visualizar as instituições em que, nessa(s) última(s) década(s), tem havido esforços mais concentrados de abordagem de tais questões: nove autores identificados pertencem à UFMG, oito pertencem à UNICAMP, cinco pertencem à PUC-Rio, três à UNESP, seguidos de outras instituições universitárias públicas e ONGs com dois ou um representante. É importante registrar que, dos 56 artigos, seis tinham autores não brasileiros e os textos estavam escritos em língua espanhola, mostrando um certo trânsito internacional, em especial devido a pesquisas transnacionais levadas a efeito em vários países da América Latina.

Interessei-me, também, a partir da leitura detida dos resumos e de uma leitura mais superficial dos próprios textos, em rastrear uma possível relação dos artigos com atividades declaradas de pesquisa. Em mais da metade dos artigos – 31 dos 56 – há uma referência clara a pesquisa (de mestrado, doutorado, institucional, com apoio de agência de fomento ou não) da qual eles teriam se originado. Em outros casos – não contabilizados – os autores empreendem uma discussão de caráter teórico e/ou metodológico ou, ainda, com reflexos pedagógicos, discussão essa que está evidentemente nutrida por uma ou mais investigações. Ou seja: a leitura do conjunto dos artigos deixa bastante clara a íntima relação entre uma produção acadêmica prestigiada – que se corporifica no espaço para publicação em revistas legitimadas – e o labor de produção de conhecimento e reflexão sobre o mesmo.

Temáticas, concepções e interesses teóricos

Nessa seção, procuro trazer alguns dados para buscar respostas à segunda pergunta acima formulada: que temáticas, concepções e interesses teóricos as revistas acadêmicas da área de educação trouxeram em relação à alfabetização e à leitura?

Procurei inicialmente resposta a essa pergunta através da possível recorrência das palavras-chave dos artigos. Com exceção de onze edições que não possuíam palavras-chave (artigos identificados com os números 6.5 a 6.10, pertencentes a *Dossiê* sobre grupos de pesquisa que estudam leitura e escrita, e números mais antigos da Revista Brasileira de Educação, que ainda não possuíam palavras-chave), retirei de 45 artigos as palavras-chave, chegando ao extraordinário número de 109 palavras ou expressões diferentes. Tal dispersão – exemplificada pela ocorrência (em artigos diferentes do *corpus*) de palavras-chave como *práticas* / *práticas culturais* / *práticas de escrita* / *práticas de leitura* / *práticas de leitura e escrita* – quase inviabiliza a localização do que há de comum e de diversificado entre os diferentes artigos. Apesar dessa variabilidade, despontam como palavras-chave de maior ocorrência – porque com signi-

ficado mais estabilizado e maior tradição, também – *alfabetização* (em quatorze artigos), *história da educação* (sete ocorrências) e *letramento* (seis ocorrências). Ainda que esses números não sejam muito significativos, eles sinalizam tendências que a seguir passo a explorar.

Mesmo ciente de que a categorização e a aproximação de artigos diversos em função de pretensos traços comuns, representam uma ação intencional suscetível de contestação, busquei (ignorando as palavras-chave) identificar quais eram as tendências que pareciam despontar com maior frequência no *corpus* investigado e aqui as apresento sem uma preocupação maior de ordenação.

Uma primeira temática a ser citada diz respeito aos *livros de leitura* enfocados sob a perspectiva da história da educação e da leitura. Dos 56 artigos, doze se debruçaram sobre cartilhas ou livros de leitura (ou “livros escolares”), ora adentrando com minúcia na organização de alguns deles, ora propondo novas análises, freqüentemente projetando um leitor suposto (que pode ter sido o real) e, por vezes, enfatizando a importância desse estudo. O influxo da História Cultural (em especial, Roger Chartier) e da História da Educação, assim como o interesse por tais materiais de leitura se materializam em investigações cujos resultados encontram guarida tanto na revista de número 7 – *História de Educação* – de maneira previsível, quanto em outras três revistas, com menor concentração de artigos. Títulos como *O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação* – 1.2; *As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos* – 7.7; *A adoção da Cartilha Maternal na instrução pública gaúcha* – 7.8 e *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)* – 9.6 exemplificam este veio temático.

Já um segundo tema se distancia bastante desse e se volta para um ator da cena da alfabetização e do letramento escolarizado: chamo tal tema de “preocupação com a professora leitora”. *Leitura e escrita de professores em suas histórias de formação* – 2.1/ *A leitura incerta: a relação de professores(as) de Português com a leitura* – 6.1 / *A evolução da leitura e da escrita de um grupo de professores: estudo de caso* – 11.3 são três desses estudos de autores diversos, de procedência geográfica e institucional diferenciada, que, a partir de investigações com metodologias também diversas (entrevistas, análise de textos produzidos pelas mestras, etc), buscam esmiuçar essa “incerta” relação que, com a leitura, mantém os/as professores/as, vistos/as, de maneira geral, como “devendo” ser bons leitores para poderem adequadamente desenvolver estratégias que propiciem o desenvolvimento de seus alunos como letrados. São oito os artigos que focalizam o professor como leitor ou escritor, e eles se distribuíram por quatro diferentes revistas. Quanto à base teórica referida pelos distintos autores dos artigos, também se verifica uma dispersão que contempla tanto Walter Benjamin, quanto Antônio Nóvoa (em seus estudos sobre saberes docentes) e autores do campo da Linguística Textual (utilizados para análise dos textos dos professores).

Questões relacionadas a *indicadores de alfabetismo, analfabetismo, letramento e políticas públicas*, em uma visão macro, também constituíram um importante eixo em torno do qual se agrupam onze artigos, de cinco diferentes revistas. Especificamente cinco desses estudos discutem diversas etapas e/ou resultados de pesquisa patrocinada por UNESCO/OREALC cujo objetivo era estudar o letramento (ou alfabetismo, termo preferido pelos autores latinos) da capital ou principais cidades da Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, México, Paraguai e Venezuela. Não apenas tal pesquisa serviu de mote para os artigos agrupados em torno desse eixo, mas também nele se identificam artigos que trabalham com dados do SAEB e do PISA (*Avaliação e letramento: concepções de aluno letrado subjacentes ao SAEB e ao PISA* – 4.6) ou reinterpretem e discutem dados oferecidos pelos próprios censos do IBGE (*Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* – 4.7; *Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil* – 11.2). Registre-se que, conseqüentemente, são esses os artigos em que se utilizam dados populacionais quantitativos, expressos em quadros e tabelas, praticamente inexistentes em todos os demais artigos do corpus examinado. Importante também assinalar que, na maioria de tais estudos, não se discutem apenas os dados resultantes das investigações, mas os próprios indicadores e sua metodologia de construção são objeto de problematização, assim como implicações políticas e sociais da publicização e utilização de tais resultados.

Ao lado de tais textos, preocupados com exames de maior âmbito da situação do (an)alfabetismo brasileiro ou latino-americano, encontramos sete artigos que, à falta de melhor denominação, poderiam ser chamados de *trabalhos com leituras ou textos de crianças*; os títulos de alguns já apontam para os tópicos temáticos sobre os quais se debruçam: *A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola* – 2.2 / *A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural* – 4.3 / *Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita* – 6.8 / *Desenho e escrita no período inicial da alfabetização* – 8.2. Autores como Vygotsky, Luria, Bakhtin, Ana Luísa Smolka, com ênfase mais discursiva ou interacionista, orientam análises em alguns deles, ao lado de outros cuja principal matriz é a da lingüística textual ou dos estudos sobre estratégias de leitura – Mary Kato, João Wanderley Geraldi, Carlos Franchi são alguns autores mais citados; ainda ocorrem alguns poucos em que os estudos de Ferreiro & Teberosky ganham relevância. Malgrado essa diversidade teórica, freqüentemente tais estudos se equiparam ao lançar mão de transcrições de diálogos de sala de aula para desenvolverem sua argumentação. Também é interessante registrar que seis diferentes revistas se abriram a estudos desse tipo.

A leitura frente a novas tecnologias poderia ser um subtítulo para agrupar quatro outros trabalhos cujos autores tematizam rumos possíveis para a leitura no mundo da “cibercultura”, da “modernidade latino-americana”, povoado por

“novos suportes”. O título do trabalho 9.8 – *Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita* sintetiza a principal diretriz das reflexões trazidas por esses quatro trabalhos, que, sintomaticamente, não constituindo resultado de investigações específicas, freqüentemente se interrogam sobre o papel e as estratégias possíveis para a escola atuar nesse novo panorama e buscam elementos para suas discussões nos enfoques que privilegiam a cultura (Roger Chartier, Chervel e Pierre Lévy são autores mais citados, por exemplo).

Já outros cinco artigos focalizam o que poderíamos chamar de *práticas singulares e diferenciadas de letramento*: é o caso da discussão feita em *Culturas orais em sociedades letradas* – 4.2, sobre a apropriação da escrita feita pelos índios Jarawara; em *Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização* – o caso do cordel – 4.4 (o título já é suficientemente informativo), e em *Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista* – 3.3, em que a autora faz detalhado exame das práticas peculiares de leitura e escrita de uma vila popular e do papel das crianças nessa rede de práticas, freqüentemente ignoradas pela escola.

Se foi possível efetuar os agrupamentos acima descritos em torno de seis eixos específicos – livros de leitura em uma perspectiva histórica; preocupação com a professora leitora; questões macro de (an)alfabetismo; trabalhos com leitura e/ou textos de crianças; leitura frente a novas tecnologias; práticas singulares de letramento – é preciso registrar que eles não esgotam as temáticas e ênfases teóricas dos 56 artigos analisados. Há estudos com bastante especificidade ou, ao menos, que não encontraram, no *corpus* analisado, parceiros mais próximos de preocupações temáticas, tais como *Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços* – 3.2; *Alfabetização, linguagem e ideologia* – 4.1; *Construtivismo e alfabetização – um casamento que não deu certo* – 5.2; *Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poço das Antas* – 7.4. Pela sua singularidade temática e teórica, não puderam os mesmos ser enquadrados em nenhum agrupamento anterior.

Outras observações

O percurso efetuado pelo manusear das revistas, pela escolha dos artigos, pela leitura dos materiais, assim como pela montagem deste texto, me permite alguns outros registros que, de um lugar específico, me proponho fazer neste momento. Se grande é o espectro de temáticas abordadas pelo conjunto dos artigos analisados, em face das possibilidades do campo, algumas ausências ou, mesmo, ocorrências pouco expressivas chamaram a minha atenção. Em pri-

meio lugar, assinalo uma menor ênfase – se comparada com o extraordinário interesse dos anos 80 e início dos 90, no Brasil – à abordagem psicogenética (ou o chamado “construtivismo”) da aquisição da linguagem escrita. Nos artigos identificados como 3.3, 5.1 e 5.2, encontramos argumentações desenvolvidas ora contra o construtivismo de maneira mais genérica ora contra algum de seus pressupostos ou de suas “versões escolares”. Não por acaso, creio, dois autores de tais artigos não estavam/estão há mais tempo inseridos nas discussões efetuadas no Brasil sobre tal “tendência pedagógica”: no artigo 5.1, por exemplo, é o caso mexicano que está em questão, embora isso não signifique que suas reflexões não possam ser transportadas para o caso brasileiro.

Outras ausências também podem ser apontadas: não se fala mais, ao menos nesses periódicos, em “hábitos de leitura”, em “problemas de aprendizagem”, em “desvios de leitura e escrita” – de maneira geral, observa-se um esmaecimento dos enfoques psicológicos e psicopedagógicos de abordagem da leitura e da escrita, cedendo lugar a uma ênfase nos pontos de vista discursivos, culturais, sociológicos e interacionistas. Nesse sentido, Bakhtin, Chartier, Vygotsky, Ginzburg, Bourdieu, nesta ordem, ao lado de pesquisadores brasileiros com projeção na área – Magda Soares, Ana Luísa Smolka, Ângela Kleimann, João Wanderley Geraldi, especialmente – são os autores mais referidos, de maneira geral.

Se, acima, fiz referência a temáticas singulares e à abordagem de outras práticas de letramento, também é possível observar a ausência de inúmeros outros grupos sociais cujas práticas de leitura e escrita ainda não parecem ter encontrado o tratamento acadêmico que possibilitasse a publicação de artigos nesses periódicos de excelência; onde estariam, por exemplo, estudos sobre as práticas letradas dos surdos, dos encarcerados, dos ciganos, dos velhos, dos operários, para citar, apenas, algumas possibilidades de estudos? E, mesmo em se falando do espaço escolar – sempre um espaço de mais difícil investigação, dadas as resistências históricas a esse esquadrihamento, onde estão as questões de leitura relacionadas a outras áreas e níveis de ensino que não as séries iniciais ou o ensino de Língua Portuguesa? Também a questão da representação da leitura e escrita na mídia teve um aparecimento apenas de passagem nas páginas das revistas estudadas, assim como outro tema de realce no panorama acadêmico brasileiro – as relações entre literatura infanto-juvenil e leitura. Efetivamente, não se pode esquecer que estamos lidando com um artefato cultural específico – revistas acadêmicas da área de Educação – e não com revistas interdisciplinares ou da área de Letras ou da área de Psicologia e, mesmo, não estamos investigando dissertações e teses, outra importante vertente para o registro das tendências dos estudos sobre leitura e alfabetização.

Ausências e diversidades à parte, é imperioso registrar em grande número dos artigos analisados – ainda que isso não apareça de forma tão substantiva nas palavras-chave ou nos títulos – a ocorrência, como tema de discussão ou como pressuposto já estabelecido, do tópico *letramento*. Tanto para repensar

as questões relacionadas a avaliações de grandes populações, quanto para a análise das práticas do cotidiano, intra e extra-escolares, assim como para a análise desse importante ator do cenário escolar – o/a professor/a –, recorre-se ao conceito de letramento, de forma mais ou menos imprecisa. Sem dúvida, no quinquênio examinado, este é um conceito inspirador (como terá sido *psicogênese da leitura e da escrita* anteriormente?), que compete, em alguns poucos artigos, com a outra tradução brasileira de *literacy* (alfabetismo). Neste momento, julgo importante relembrar a trajetória do termo no Brasil, conforme é relatado por Ribeiro (2001, p. 286-287):

O termo letramento passou a figurar no vocabulário dos acadêmicos brasileiros em meados da década de 1980 e, de lá para cá, veio se consolidando como referência na área da educação. Primeiramente, o conceito passou a ser empregado por influentes núcleos universitários de estudo e intervenção na área do ensino de leitura e da escrita: o Ceale (...) da Universidade Federal de Minas Gerais; o IEL (...) da Unicamp, e o Lael (...) da PUC de São Paulo. Posteriormente, foi incorporado às orientações para o ensino de Língua Portuguesa dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados e difundidos pelo Ministério da Educação na década de 1990 (...), o que também contribuiu para avivar o interesse dos educadores pela temática. Em 2001, o vocábulo foi pela primeira vez registrado num dicionário brasileiro – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* – referenciado à área da pedagogia, com as seguintes definições: “mesmo que alfabetização (processo); conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”.

Reflexões à guisa de conclusão

Fugindo um pouco ao objetivo primeiro do artigo, que era o de esboçar um quadro maior de dados de identificação, temáticas e tendências teóricas dos artigos, permito-me registrar aqui algumas impressões finais que o longo percurso da sua leitura nos causou. Alguns dos artigos lidos constituem peças textuais extremamente desenvolvidas, fundamentadas, com uma argumentação consistente e um vigor de problematização. Em alguns casos, pela sua extensão e robustez, poderiam ser publicados como pequenos livros de caráter acadêmico. Já outros artigos são mais curtos, centram-se de maneira mais definida em menor número de questões, mas comportam também reflexões perspicazes, fazem relações inauditas, lançam sementes de investigação e reflexão. Outros, melancolicamente, parecem reeditar velhas “descobertas”, repetir verdades já gastas e chavões que ecoam em megaeventos de caráter mercadológico: destoam do conjunto em que se inserem (são, felizmente, poucos). O saldo dessa trajetória – ao fim e ao cabo – é interessante e enriquecedor para o panorama acadêmico e educativo brasileiro. A leitura sucessiva dos diferentes artigos, diferentemente

da leitura pontual que se faça de apenas um deles, nos permite vê-los na rede em que se inscrevem, com suas filiações e em seus postos de embate teórico, por vezes, ou no seu isolamento – caso em que são, geralmente, produzidos por autores que, afastados do panorama acadêmico brasileiro e, possivelmente, da produção correspondente, ignoram e não dialogam com a mesma. Podemos, pois, vê-los em suas fragilidades e em suas potencialidades; o conjunto, de qualquer forma, sinaliza para uma preocupação e uma caminhada importantes nas temáticas.

E já que o tema central desse texto é a questão da leitura, cristalizada por sua vez em objetos de leitura, não se poderia deixar de pensar que tais artigos não são simples registros de pesquisas, de inquietações teóricas, de discussões intelectuais e acadêmicas. Em se tratando de revistas consideradas de excelência, eles são moedas de alto valor no mercado simbólico dos *curricula vitae*, dos processos de avaliação dos programas de pós-graduação, dos concursos públicos, dos diferentes processos avaliativos a que os professores universitários devem se submeter para obtenção de bolsas, auxílios, gratificações, etc. Por uma certa ótica, o lugar desses artigos é o de “objetos de desejo”; eles ocupam espaços que foram disputados talvez por outros artigos, não aprovados, quicá por sua “falta de rigor”, “carência de novidade”, “pouca inserção na área”, etc. Que eles contribuam significativamente para o debate sobre as sempre candentes questões de leitura e... agora... letramento, é o que se espera, como preço pelo espaço que lograram ocupar !

Notas

1. O presente artigo constitui versão ligeiramente modificada de texto apresentado na mesa temática Estudos sobre alfabetização e leitura: três olhares para a produção, que integrou a Programação Oficial do 14º. Congresso de Leitura do Brasil (14º. COLE), promoção da Associação de Leitura do Brasil, realizado em Campinas, em julho de 2003. Agradeço, em especial, à bolsista de Iniciação Científica Jaqueline Martins e à ex-orientanda de mestrado Cláudia Amaral dos Santos o auxílio inestimável na localização do material e na organização do mesmo.
2. Editadas, respectivamente, pela Fundação Victor Civita, de São Paulo, pela Editora Dimensão, de Belo Horizonte, pela Editora Segmento, de São Paulo, e pela Editora ArtMed, de Porto Alegre
3. Em função da constância e proliferação da produção acadêmica bibliográfica, é possível que algumas tendências aqui apresentadas não se mantenham com a mesma nitidez no momento da publicação do artigo. Entretanto, a ocorrência de um lapso de tempo entre o período das publicações e o da realização e posterior publicação do estudo é quase intransponível, tendo em vista vários fatores, como a publicação de revistas acadêmicas com datas anteriores à efetiva divulgação, as dificuldades de obtenção de exemplares, etc.

4. Tal avaliação permaneceu no site da ANPED <http://www.anped.org.br/>, até os primeiros meses de 2004, quando foi substituída por outra mais recente.
5. A lista dos artigos, por revista, constitui Anexo 1 do presente trabalho e, nele, os artigos estão identificados por um número com 2 dígitos; no primeiro, identifica-se o título da revista (de 1 a 11, portanto); no segundo, indica-se o artigo específico dentro da revista, que pode atingir até o número 10, no caso de 10 artigos sobre as temáticas que interessavam em uma mesma revista.
6. Em relação ao *Qualis* de Educação divulgado no primeiro semestre de 2004, o *Qualis* divulgado em 2003, com o qual trabalhei, apresenta algumas diferenças no tocante aos títulos classificados como Internacional e Nacional A. Das quatorze revistas assim classificadas no anterior, permanecem dentro do mesmo conjunto dez títulos. Registrem-se as seguintes modificações: o periódico *Educação em Revista*, que na classificação anterior do *Qualis* era definido como Internacional B, tornou-se Nacional B; as revistas *Educação e Filosofia* e *História da Educação*, tidas como Nacional A, tornaram-se Nacional B. Já a revista *Psicologia da Educação* que era considerada em 2003 Nacional A, tornou-se Nacional C e a revista *Contemporaneidade e Educação* não consta mais como uma publicação classificada pelo *Qualis*. Novas revistas passaram a integrar a categoria Nacional A, a saber: *Caderno Brasileiro de Ensino de Física* (UFSC), *Cadernos de Educação* (UFPEL), *Educação* (PUC-RS), *Educar em Revista* (UFPR), *Perspectivas* (UFSC) e *Pro-Posições* (UNICAMP).

ANEXO 1

ARTIGOS SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NO PERÍODO 1998-2002, DISTRIBUÍDOS POR REVISTA E IDENTIFICADOS POR NUMERAÇÃO ESPECÍFICA

1. CADERNOS CEDES

1. 1 BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 20, n. 50, abr. 2000.
1. 2 CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 20, n. 52, nov. 2000.
1. 3 OLIVEIRA, Catia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 20, n. 52, nov. 2000.
1. 4 MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 20, n. 52, nov. 2000.

2. CADERNOS DE PESQUISA

2. 1 KRAMER, Sônia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 106, mar. 1999.
2. 2 GOULART, Cecília Maria. A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 110, jul. 2000.
2. 3 CARMO, Elisabete Regina do; CHAVES, Eneida Maria. Análise das concepções de aprendizagem de uma alfabetizadora bem-sucedida. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, nov. 2001.

3. EDUCAÇÃO E PESQUISA

3. 1 RIBEIRO, Vera Masagão. Questões em torno da construção de indicadores de analfabetismo e letramento. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez. 2001.
3. 2 STROMQUIST, Nelly. Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez. 2001.
3. 3 SAWAYA, Sandra Maria. Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./jun. 2000.

4. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

4. 1 MACEDO, Donaldo. Alfabetização, linguagem e ideologia. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 73, dez. 2000.
4. 2 GERALDI, João Wanderley. Culturas orais em sociedades letradas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 73, dez. 2000.
4. 3 GONTIJO, Cláudia M. Mendes; LEITE, Sérgio Antonio da Silva. A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002.
4. 4 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.
4. 5 INFANTE, Maria Isabel. Acerca del dominio del código de la escritura en America Latina y su relación con los desafíos actuales: conclusiones de una investigación en siete países de América Latina. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.
4. 6 BONAMINO, Alicia; COSCARELLI, Carla; FRANCO, Creso. Avaliação e letramento: concepções de aluno letrado subjacentes ao SAEB e ao PISA. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.
4. 7 FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.
4. 8 RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Cláudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.
4. 9 SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002.

5. ENSAIO – AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO

5. 1 URIBE, Jorge Vaca. La evaluación de la enseñanza de la lengua escrita en Mexico: 20 años de reflexión didáctica. *Ensaio – Avaliação e Políticas públicas em Educação*, v. 9, n. 31, abr./jun. 2001.
5. 2 OLIVEIRA, João Batista Araújo e. Construtivismo e alfabetização: um casa-

mento que não deu certo. *Ensaio – Avaliação e Políticas públicas em Educação*, v.10, n. 35, abr./jun. 2002.

6. EDUCAÇÃO EM REVISTA

6.1 BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A leitura incerta: a relação de professores(as) de Português com a leitura. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, jul. 1998.

6. 2 LEDESMA, Xavier Rodriguez. Lectura y educación en la modernidad latinoamericana. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 28, dez. 1998.

6. 3 VIÑAO, Antonio. Leer y escribir (siglos XIX-XX). *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 29, jun. 1999.

6. 4 PAULINO, Graça; EVANGELISTA, Aracy; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAIVA, Aparecida. A formação de professores leitores literários: uma ligação entre infância e idade adulta? *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 30, dez. 1999.

6. 5 ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e aprendizagem da leitura. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

6. 6 KRAMER, Sônia. Leitura, escrita e formação de professores: mapeando indagações, práticas e trajetórias de pesquisas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

6.7 LAJOLO, Marisa; ABREU, Márcia. Memória de leitura: trajetória e perspectivas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

6. 8 ABAURRE, M. Bernadete Marques; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura; FIAD, Raquel Salek. Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

6. 9 MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: o que temos descoberto sobre esse objeto de conhecimento? O que é preciso ainda investigar? *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

6.10 BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Letramentos escolares, letramentos no Brasil: trajetória e perspectivas de um grupo de pesquisa e ação educacionais. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, jun. 2000.

7. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

7. 1 OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal. *História da Educação*, Pelotas, v. 2., n. 4, set. 1998.

7. 2 MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino da leitura em São Paulo (1890-1920). *História da Educação*, Pelotas, v. 3, n. 5, abr. 1999.

7. 3 PERES, Eliane Teresinha. A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: *Queres ler?* e *Quero ler*. *História da Educação*, Pelotas, v. 3, n.6, out. 1999.

7. 4 TRAVERSINI, Clarice Salete. Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poço das Antas/RS. *História da Educação*, Pelotas, v. 5, n. 9, abr. 2001.

7. 5 CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos. *História da Educação*, Pelotas, v. 5, n. 10, out. 2001.
7. 6 TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, abr. 2002.
7. 7 MACIEL, Francisca Izabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, abr. 2002.
7. 8 TRINDADE, Iole Faviero. A adoção da *Cartilha Maternal* na instrução pública gaúcha. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 12, set. 2002.

8. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

- 8.1 GERKEN, Carlos Henrique de Souza. Escolarização e apropriação da escrita nas aldeias xacriabá: elementos da teoria psicológica necessária. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 13, 2º. semestre de 2001.
8. 2 FERREIRA, Valéria Silva; MORO, Maria Lúcia Faria. Desenho e escrita no período inicial da alfabetização. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 13, 2º. semestre de 2001.

9. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

9. 1 KRAMER, Sônia. Leitura e escrita de professores – da prática de pesquisa à prática de formação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 7, jan./abr. 1998.
9. 2 CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação dos professores da escola primária. *Revista Brasileira de Educação*, n. 8, maio/ago. 1998.
9. 3 RIBEIRO, Vera Maria Masagão. Alfabetismo e atitudes – pesquisa junto a jovens e adultos paulistanos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 9, set./dez. 1998.
9. 4 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista Brasileira de Educação*, n. 16, jan./abr. 2001.
9. 5 GOULART, Cecília Maria. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. *Revista Brasileira de Educação*, n. 18, set./dez. 2001.
9. 6 BATISTA, Antonio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, maio/ago. 2002.
9. 7 GOULART, Cecília; KRAMER, Sonia. Alfabetização, leitura, escrita: 25 anos da ANPED e 100 anos de Drummond. *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, set./dez. 2002.
9. 8 JOBIM E SOUZA, Solange; GAMBA Jr., Nilton. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, set./dez. 2002.

10. *CONTEMPORANEIDADE E EDUCAÇÃO*

10. 1 INFANTE, Isabel. El dominio del código escrito o los niveles de alfabetismo: algunos resultados de um estudio em siete países de América Latina. *Contemporaneidade e Educação*, São Paulo, v. 4, n. 5, jul. 1999, p. 7-45.
10. 2 FONTANIVE, Nilma Santos; KLEIN, Rubem; GOUVEIA, Sônia O. de. Competências básicas das populações jovem e adulta da cidade do Rio de Janeiro. *Contemporaneidade e Educação*, v. 4, n. 5, jul. 1999, p. 46-77.
10. 3 GARCÍA, Alejandro García; SÁNCHEZ, Sara Sánchez. Estudio de la investigación sobre niveles de alfabetismo em México – OREALC/UNESCO/INEA/UP. *Contemporaneidade e Educação*, v. 4, n. 5, jul. 1999, p. 78-93.
10. 4 RIBEIRO, Vera M. Masagão. Dimensões atitudinais do analfabetismo. *Contemporaneidade e Educação*, v. 4, n. 5, jul. 1999, p. 94-113.

11. *REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS*

11. 1 GARCEZ, Lucília. A leitura na vida contemporânea. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 81, n. 199, set./dez. 2000.
11. 2 PINTO, José M. de Rezende; BRANT, Liliane L. N. de A. Oliveira; SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno; PASCUM, Ana R. Pati. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 81, n. 199, set./dez. 2000.
11. 3 MORAES, Euzi Rodrigues. A evolução da leitura e da escrita de um grupo de professores: estudo de caso. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 80, n. 195, maio/ago. 1999.

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 79, ago. 2002.
- RIBEIRO, Vera Masagão. Questões em torno da construção de indicadores de analfabetismo e letramento. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez. 2001.

Rosa Maria Hessel Silveira, mestre em Letras e doutora em Educação, é professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e da ULBRA, atuando na área dos Estudos Culturais em Educação.

Endereço para correspondência:
Av. Nilo Peçanha, 1452/301
91 330-000 – Porto Alegre
rosamhs@terra.com.br